

# “Toda a gente reconhece que, às vezes, Marcelo fala demais”

**Manuel Carvalho da Silva** Sociólogo e presidente do CoLABOR

**Domingos de Andrade e Rafael Barbosa**  
sociedade@jn.pt

Passou a infância a mexer na terra, em Barcelos, onde nasceu. Filho de uma família de pequenos agricultores, haveria a dedicar-se à eletromecânica. Foi militante do PCP e deixou uma marca indelével no mundo sindical, gerindo, durante 25 anos, os destinos da CGTP, a maior central sindical do país. Sociólogo, continua ligado ao mundo do trabalho através do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e do Laboratório Colaborativo para o Trabalho, Emprego e Proteção Social (CoLABOR), a que preside.

**Está surpreendido com a rapidez com que António Costa tem vindo a desbaratar o capital de confiança que conquistou junto dos portugueses?**

Não lhe conhecia esta capacidade de aceleração para o precipício. Mas há indicadores que já vêm da legislação anterior.

**Acha que será capaz de aguentar no cargo de primeiro-ministro até outubro de 2026?**

Eu tenho do político António Costa uma opinião favorável pelo exercício que ele fez em vários espaços durante muito tempo. Aliás, eu meti a cabeça, podemos dizer assim, a apoiar a candidatura dele à Câmara de Lisboa, em 2009, o que me valeu uma justa repreensão, uma vez que ainda tinha ligação ao PCP. Nessa fase não me defraudou.

**E hoje o que acha?**

Acho que há muitos portugueses zangados. Uma governação que desrespeita obrigações inerentes ao exercício do poder só pode esperar

o protesto e até o desrespeito da sociedade. O que vemos é ausência de respostas a problemas, por exemplo no caso do ensino, uma fuga ao encarar das responsabilidades, um excesso de taticismo e ausência de uma visão programática estratégica bem delineada. Mas António Costa é um político experimentado e pode, e do meu ponto de vista deve, fazer os ajustes necessários e levar a legislatura até ao fim.

**A agitação laboral e social está em crescendo. Há solução para estas convulsões e, já agora, dinheiro para contentar todos?**

Essa é uma questão muito significativa. Na versão do Governo e na narrativa dominante, designadamente a do primeiro-ministro, o valor absoluto das chamadas contas certas é um bloqueio ao cumprimento de obrigações para com outros valores e outros direitos. Sendo verdade aquela velha imagem que os juristas muitas vezes utilizam, que um direito nunca é absoluto.

**Ou seja, não há dinheiro para responder a todas as reivindicações.**

Não é verdade. Como princípio isso não pode ser assumido. A política de contas certas é uma política errática. A expressão contas certas

**“António Costa deve fazer os ajustes necessários e levar a legislatura até ao fim”**

**“A expressão contas certas não é mais do que o eufemismo do PS para austeridade”**

não é mais do que o eufemismo que o PS utiliza para políticas de austeridade. Como sabe que o conceito de austeridade é um conceito carregado de limitações aos direitos das pessoas e carregado de sacrifícios para os trabalhadores e para setores mais frágeis da sociedade e um empecilho ao desenvolvimento, arranjam esta designação de contas certas.

**Falou da luta dos professores. Já se percebeu que a vanguarda da contestação, como antes na luta dos enfermeiros ou dos camionistas, passou a ser o que podemos designar como sindicatos não tradicionais, que usam instrumentos de luta que também não são os tradicionais. Os sindicatos que estão na órbita da CGTP e até do PCP, como a FENPROF, perderam a capacidade de liderar os protestos?**

Não. A história do sindicalismo, que já leva quase três séculos, está cheia de situações destas, embora em contextos diferenciados. O que temos hoje é uma mesma manifestação de outros tempos num contexto diferente.

**Portanto, as estruturas sindicais estão a perder o pé?**

O movimento sindical tem uma história muito rica. O mundo do trabalho é muito complexo. Toda a gente se acha especialista das questões do trabalho e pronuncia-se com toda o à-vontade sobre o sindicalismo, conhecendo muito pouco da matéria. Esses movimentos de rutura, de que é que resultam? Os professores não estão a reivindicar, neste momento, nem aumentos de salários, nem novas carreiras. Estão a fazer uma denúncia da situação em que se encontram, de achincalhamento



e exaustão, por cargas de trabalho letivo e burocrático, e um protesto forte, porque os seus direitos não são tidos em conta, enquanto os governantes fingem que respondem e não respondem.

**Não admite, então, em relação a este protesto de professores, que a FENPROF está a correr atrás do prejuízo.**

Não se trata disso. Com os camionistas, com os enfermeiros, com todos os outros, aconteceram ao longo da história situações semelhantes. Os sindicatos foram conquistando um papel institucional na democracia. Têm instrumentos de intermediação, o primeiro dos quais é a negociação e a negociação coletiva em particular. O que é que acontece? Quando se soma a ausência de respostas e a ausência de uma análise objetiva, séria e verdadeira sobre os problemas, e se vai arrastando a situação, os sindicatos, que há momentos chamavam tradicionais, não têm já condições para equilibrar entre o seu papel institucional, que quer continuar a dialogar, e dar a expressão a uma situação de rutura. E há uma faísca...

**A explicação para isso estará também na chamada geringonça, na solução parlamentar encontrada para que António Costa fosse primeiro-ministro? Os trabalhadores a deixarem de se sentir representados pelos sindicatos afetos ao PCP?**

Isso é outra questão. O que eu digo é que foram-se acumulando cargas, há uma faísca e dá-se uma explosão. E ainda bem. É positivo que isto aconteça. Agora, para haver solução, em democracia, as coisas têm que ser reconduzidas a um quadro de diálogo. E aquilo a que chamaram os sindicatos tradicionais terão um papel muito ativo na resolução dos problemas. Eu tenho a preocupação de que, mais uma vez, se tente tramar os professores. Se o primeiro-ministro se mantiver intransigente, se o presidente da República começa a insinuar que é preciso cedências, vamos ter problemas muito graves. Os derrotados serão as crianças, as famílias, os nossos filhos e netos, o sistema de ensino.

**Uma negociação tem duas partes. O próprio Carvalho da Silva disse, numa entrevista anterior, que quando se parte para um conflito é preciso ter noção de como se vai sair dele.**

O dia seguinte, exatamente.

**Acha que este tipo de sindicalismo mais radical, como o que tem sido protagonizado pelo S.T.O.P., com a instabilidade que tem causado nas escolas, acautelou como sair deste conflito?**

É natural que, quando acontecem estas situações de chegar ao limite, a organização ou os indivíduos que aparecem a liderar não sejam necessariamente os que vão encontrar caminhos para resolver o problema numa perspectiva de funcionamento de uma sociedade democrática e de respeito das intermediações na sociedade.

**A agitação laboral e social em Portugal deve-se quase em exclusivo aos diferentes setores da Função Pública. O sindicalismo está morto nas empresas privadas?**

Não. O que não quer dizer que o sindicalismo não esteja enfraquecido no setor privado. Isso tem outras explicações. Nós estamos numa sociedade cada vez mais polarizada, segmentada, aquilo a que se chama uma sociedade de causas. É importante que se apresentem problemas, novos ou velhos, que precisam de resolução, no campo da igualdade, do ambiente, etc. As causas surgem, mas, para haver identidade coletiva, que é base para a comunidade, é preciso haver fatores transversais. E não há nenhum fator tão comum ao conjunto dos cidadãos, à escala global, como o trabalho. A centralidade do trabalho foi colocada de lado. Não é por acaso que o Papa Francisco, por exemplo, vem dizer, na sua última encíclica, "Fratelli Tutti", que a primeira questão para a política é o trabalho. O trabalho precisa de ser reintegrado com força com este papel. A questão que hoje está em debate é quem é que retoma a centralidade do trabalho: a Esquerda ou a Direita? São valores universais e solidários ou o individualismo? Este é um problema. O outro é a unilateralidade, o desrespeito pelas leis do trabalho, a securarização da negociação coletiva. A introdução quase de forma dominante, em certos meios, do conceito de colaborador em substituição do conceito de trabalhador, que é uma patética.

**Foi militante do PCP e saiu pouco depois de ter abandonado a liderança da CGTP...**

Permitam-me uma nota rápida. Eu tenho uma dívida de gratidão imensa para com o PCP e para com os militantes comunistas.

**"Os professores estão numa situação de achincalhamento e exaustão"**

**"A substituição de trabalhador por colaborador é uma patética"**

**Como estávamos a dizer, saiu quase ao mesmo tempo do PCP e da CGTP. Como se uma coisa implicasse a outra, ou seja, que só pode ser líder da CGTP quem militar no PCP. O sindicalismo não deveria distanciar-se de lutas ideológicas partidárias?**

Os sindicatos devem ter uma agenda social concreta e própria. Agora, não sejamos anjinhos, não há vitórias de agendas sociais se não tiverem a interpretação das agendas políticas que forcem a que os temas sociais colocados sejam vitoriosos. Os sindicatos têm de ter autonomia, mas não podem fazer de conta que tanto vale um poder político como o outro. Isso é um absurdo total.

**É por isso que a CGTP fica sempre fora de qualquer acordo?**

Sabe quantos acordos é que assinou na Concertação Social? Oito.

**Há um antes e um depois de Manuel Carvalho da Silva na CGTP?**

Não há antes e depois. Mas eu queria completar a resposta anterior, dizendo que há agendas sociais autónomas, mas não fazendo de conta que a política não conta, porque quem tem de responder aos problemas é o sistema político.

**Foi apontado várias vezes como um candidato presidencial capaz de federar as esquerdas. E chegou a ponderar ser candidato em 2011 e 2016. Admite a hipótese de avançar com uma candidatura em 2026?**

Eu estou nos 74 anos e portanto tenho de ter ponderação. É verdade que fui incentivado a ser candidato nesses períodos e num outro. Foram três vezes. Relativamente à última [2016], apanhou-me num momento em que eu tinha tido problemas de saúde muito complicados. Felizmente resolvi-os e agora estou muito bem.

**E ainda o seduz a possibilidade de ser candidato a presidente?**

Essa questão não está colocada sobre a mesa, não tem grande probabilidade.

**Que avaliação faz aos mandatos de Marcelo Rebelo de Sousa?**

Há alguns conteúdos positivos muito significativos. O seu mandato veio a seguir a um mandato de sastrero [de Cavaco Silva] na relação com a sociedade, trouxe um ar fresco. Além disso, tem usado, e em alguns momentos bem, o seu conhecimento da Constituição.

**Faz a mesma avaliação deste segundo mandato?**

Não. O aspeto, para mim, mais negativo da atuação de Marcelo Rebelo de Sousa é assumir-se como re-

presentante de todas as instituições e de todas as intermediações na sociedade. Marcelo vai a um congresso e não se fala dos temas, fala-se daquilo que Marcelo disse, à saída ou à entrada, em função da agenda do dia. Este é, na minha opinião, o erro mais significativo do mandato de Marcelo.

**Nestes últimos meses, com a sucessão de escândalos e demissões no Governo, o presidente da República ganhou uma nova centralidade política. Impõe ultimatums na execução de fundos europeus. Diz que não aceita uma maioria absoluta morta. Está a ser exigente com o Governo, como lhe compete, ou há excesso de presidencialismo?**

Toda a gente reconhece que, às vezes, Marcelo fala demais. E querendo falar todos os dias e tratar problemas que têm alcance estratégico numa visão imediata, numa visão tática, tem tendência para cometer mais erros. A preocupação primeira do Governo, do presidente da República e de quem quiser intervir na política deve ser a de olhar para os bloqueios com que o país se debate. Há questões que têm de passar para o centro da observação de forma clara, ou vamos andar na reprodução continua de casos e casinhos, ou de intervenções do presidente, umas vezes a meter a mão por baixo do Governo, outras vezes a dar-lhe uma martelada. Isto não tem interesse nenhum. A questão em que nos devemos centrar quando discutimos hipóteses de futuro é, em primeiro lugar, como se resolve o baixo perfil da economia e do tipo de emprego. E aí há três coisas a considerar. A desvalorização salarial e das profissões como estratégia da economia não pode continuar. Não é possível termos um futuro melhor se as empresas portuguesas não se posicionarem melhor nas cadeias de valor. E não é possível persistir-se nesta ideia de que o modelo de turismo que temos é a grande salvação e secundarizar-se a industrialização. O segundo grande problema é o demográfico. Não podemos exportar os jovens que formámos, quando necessitamos deles, e, por outro lado, não podemos utilizar a imigração como fator de manutenção de baixos salários e de exploração. Finalmente, o problema da pobreza estrutural, tema a que nem o presidente da República dá grande atenção. É chocante a descondição com a pobreza. ●



Ouçã a entrevista completa este domingo ao meio-dia na TSF